





## Organizadores

Mônica C. Miranda  
Carolina T. Piza  
Tatiana Góes Freitas  
Nelma Assis  
Pompeia Villachan-Lyra  
Carolina Nikaedo  
Orlando F. A. Bueno

## Colaboradores

André Luiz de Sousa  
Daniele Pereira de Souza  
Emmanuelle Chaves  
Juliana C. Ferreira  
Maria Cristina A. C. R. Oliveira  
Renata Trefiglio Mendes Gomes  
Silvia Maciel

### Projeto Gráfico

Priscilla Ballarin

### Diagramação

Flávio Della Torre

### Ilustrações

Eliza Freire

## Agradecimentos

Um especial agradecimento à direção, coordenação e professores das escolas: Centro de Educação Infantil - CEI Arrastão, EMEI do Lar Sírio, EMEI São Paulo, CEI Nova Santana, que se prontificaram a receber a equipe de pesquisadores, auxiliando na primeira fase desse projeto em que foi possível levantar as necessidades formativas do professor da educação infantil.

# Sumário



4

O desenvolvimento emocional

9

Promovent o desenvolvimento emocional

14

A cognição social

22

A disciplina e a agressividade



# O desenvolvimento emocional



*“Só o amor cura,  
nutre, une, entusiasmo,  
faz nascer, alivia,  
materializa, motiva...  
possibilita a vida!”  
(Mahatma Gandhi)*

Cada vez mais, estudos relacionados à neurociência e ao desenvolvimento humano têm priorizado diferentes aspectos da primeira infância. Com isso, há um grande interesse em compreender melhor sobre as habilidades emocionais/ afetivas da criança e o impacto que as relações afetivas estabelecidas nos seus anos iniciais podem ter ao longo de sua vida, inclusive no adulto que se tornará. Esse é um importante assunto nos dias de hoje, já que a maioria dos pais trabalha fora, ficando, muitas vezes, sem tempo para investir no que será a principal fonte de bem-estar futuro da criança: a construção de uma relação afetiva de qualidade.

Nesta apostila, discutiremos porque é tão importante construir uma boa rede de suporte afetivo para a criança, em particular durante a primeira infância, e como os professores e os profissionais da educação infantil podem contribuir para este processo.

## *O processo de desenvolvimento emocional: alguns facilitadores e complicadores*

Desde os nossos primeiros dias de vida, as experiências que temos com nossos cuidadores primários (geralmente, o pai e a mãe) começam a organizar o que chamamos de “mecanismo de regulação dos afetos”. Esses mecanismos são ativados quando fazemos escolhas em situações de conflitos. Diz respeito ao movimento inconsciente que uma pessoa tem de recordar experiências em que viveu conflitos semelhantes ao que está vivenciando, os sentimentos decorrentes deste conflito e antecipar as prováveis consequências de sua ação. Esse mecanismo de regulação dos afetos, no futuro, será responsável pelo equilíbrio dos nossos sentimentos, do nosso comportamento e, conseqüentemente, pelo nosso controle emocional, nos proporcionando a sensação de segurança, a construção de uma autoestima positiva, bem como o desenvolvimento da autonomia e da reciprocidade.



**Vamos entender um pouco mais sobre isso? Você acha que existem diferenças entre os conceitos de afetividade, emoção e sentimentos? Todos refletem alterações fisiológicas e de aspecto subjetivo, embora possam ser ligeiramente diferentes.**

Na linguagem comum, muitas vezes os termos afetividade, emoção e sentimentos são utilizados como sinônimos, mas não o são, embora apresentem uma intrínseca relação. São fenômenos fáceis de compreender, mas de difícil definição uma vez que cada estudioso usa uma nomenclatura própria, atribuindo nuances de significado para cada um destes termos. Desta forma, ao invés de procurar uma definição completa, iremos abordar o tema por diversos pontos de vista complementares.

Abordaremos algumas ideias defendidas por Henry Wallon no que diz respeito à afetividade enquanto dimensão humana que facilita e estimula o processo de aprendizagem e de cognição da criança. Afetividade se refere a um conjunto de fenômenos que se manifestam sob a forma de emoções e sentimentos, acompanhada sempre de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação. Dessa maneira, *“as emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva”* (Galvão, 1996, p. 61).

Diferentemente das características particulares de outras manifestações afetivas, as emoções compreendem um aspecto subjetivo e um aspecto objetivo. O aspecto subjetivo diz respeito à vivência que o indivíduo tem de certa emoção. Já o aspecto objetivo se refere às modificações corporais. Essas modificações corporais compreendem as alterações no funcionamento neurovegetativo, no tônus muscular (face, postura, gestos) e expressões comportamentais. São facilmente reconhecidas pelo meio humano, e por meio da expressão

corporal podem ser captadas por outros indivíduos, caracterizando, muitas vezes, as emoções como contagiosas, que ao despertar a mobilização do outro social, facilita o estabelecimento e a manutenção das primeiras relações sociais.

No início da vida, as emoções adquirem um caráter fundamental de sobrevivência para o bebê. Neste período, os estados afetivos são vividos como sensações corporais e expressos, invariavelmente, na forma de reações emocionais. Assim, as emoções assumem um papel fundamental no processo de construção de vínculos afetivos, uma vez que estas respostas emocionais, apresentadas pela criança no início da vida, aproximam as trocas socioafetivas entre o bebê e quem dele cuida, funcionando como uma espécie de sinalizador das suas necessidades e vontades. Por exemplo, diante de uma situação de perigo desencadeia-se no bebê uma reação de medo, que prepara o organismo dele para lutar ou para fugir. Os afetos têm, portanto, uma função de buscar o equilíbrio entre o bebê e seu meio.

Existe grande divergência na definição e na classificação das emoções, mas para fins didáticos vamos definir que existem seis emoções básicas (ou primárias): tristeza, alegria, medo, nojo, raiva e amor. Essas emoções são ativadas e percebidas pelos nossos órgãos sensoriais e processadas pelo nosso cérebro. São consideradas emoções básicas porque podem ser “sentidas” por qualquer ser humano (e por diversas espécies de animais), independente da cultura. Além das emoções básicas, existem também as emoções complexas (ou secundárias) que se caracterizam pela combinação de duas ou mais emoções básicas e que diante de uma situação são contextualizadas pelo cérebro. Nesta etapa as mudanças fisiológicas são menos intensas, devido à melhor compreensão cognitiva da criança em relação às suas emoções. Essa classe de emoções é expressa considerando a cultura no qual o indivíduo está inserido, tor-

nando-a mais dependente das interações sociais. Cabe ressaltar que as emoções básicas começam a ser nomeadas por crianças a partir de, aproximadamente, os 3 anos. As secundárias surgem em fases mais avançadas sendo nomeadas pelas crianças após a primeira infância, pois requerem maior nível de compreensão e elaboração cognitiva. São exemplos de emoções secundárias: ciúme, ansiedade, desprezo, vergonha, culpa, dentre outras. Considerando o exemplo do parágrafo anterior, no qual o bebê se viu frente a uma situação de perigo, podemos compreender que o medo foi a emoção básica ativada gerando mudanças fisiológicas e fazendo com que o bebê emitisse uma resposta ao ambiente (visando a proteção).

Posteriormente, com a aquisição de habilidades simbólicas por parte da criança - sobretudo da linguagem - tanto os estados afetivos, como também as suas formas de expressão, se diversificam e se ampliam, sendo possível a vivência de manifestações afetivas mais ela-

boradas, como os sentimentos, que, diferentemente das emoções, não são necessariamente acompanhados por reações corporais observáveis. Desta forma, com o domínio da fala, e das representações mentais, situações abstratas e ideias passam a poder provocar disposições afetivas, o que não era possível antes da aquisição destas habilidades cognitivas. Neste momento, parece evidente a intrínseca relação entre desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento afetivo, e a importância e interdependência que cada um destes aspectos assume nesta perspectiva.

A emoção exerce uma influência determinante nos processos intelectuais, os quais auxiliam a compreensão dos estados emocionais. Assim, não é exagero afirmar que existe uma forte relação entre as emoções e os processos cognitivos. Por exemplo, fazer uma prova sob a influência de desânimo ou profunda de tristeza, pode gerar um baixo desempenho.





Como já vimos em apostilas anteriores, o desenvolvimento cerebral é um processo complexo, que depende de múltiplos fatores internos e externos. Após o nascimento, nosso cérebro segue se desenvolvendo por meio da interação com o meio ambiente e das relações que estabelecemos (como por exemplo, com os nossos cuidadores). Seu amadurecimento se dá durante períodos de abertura (ou sensibilidade) às influências externas, nas quais os circuitos cerebrais e as conexões neuronais (ou sinapses) vão se fortalecendo. Quando somos fortemente privados ou não recebemos os estímulos necessários nos períodos determinados, os circuitos em questão podem não se desenvolver dentro do seu potencial máximo. O circuito da visão, por exemplo, necessita de luz e estímulos visuais para se desenvolver; o circuito motor, se aprimora e vai se refinando a medida que o bebê experimenta movimentos cada vez mais complexos.

O mesmo ocorre com a saúde emocional da criança, durante a primeira infância, as regiões cerebrais responsáveis pela regulação emocional vão se desenvolvendo e isto está altamente relacionado à interação do bebê com os seus cuidadores primários. É importante que esta relação se estabeleça de uma maneira segura, afetiva, empática, sem separações prolongadas, e que suscite confiança na criança. Algumas pesquisas que investigam a formação do vínculo na primeira infância, já mostraram que crianças que, logo após o nascimento, foram colocadas em orfanatos com condições de grave negligência e sem afeto, apresentaram maiores probabilidades de desenvolver problemas emocionais (e cognitivos) do que aquela que nunca foi institucionalizada.

Em contrapartida, um estudo realizado na Romênia analisou se a melhora na qualidade dos cuidados com crianças pequenas institucionalizadas, estaria associada a melhores resultados em seu desenvolvimento global. Verificou ainda que, as crianças que receberam maior atenção e

suporte dos cuidadores apresentavam melhores índices de desenvolvimento cognitivo e crescimento físico e, menores problemas de comportamento e expressão emocional, quando comparadas àquelas que eram negligenciadas. Isso comprova que não é a institucionalização em si que pode gerar problemas emocionais e prejuízos sobre o desenvolvimento da criança, mas sim a qualidade do cuidado que a criança recebe ao longo da vida tem maior influência no curso do seu desenvolvimento.

Durante o primeiro ano de vida, se desenvolve, entre a criança e os seus cuidadores uma relação especial, à qual Bowlby, um importante teórico da psicologia, chamou de “apego”. Segundo ele, diante da dependência absoluta do bebê, os pais tendem a desenvolver uma resposta inata de cuidado e de empatia e, o bebê, por sua vez, uma tendência, também inata, para se relacionar com eles. Assim se dá o início dessa relação que, com o tempo, irá se fortalecer, construindo-se uma relação de apego. Um apego bem consolidado é a base para o desenvolvimento posterior do sentimento de segurança da criança, da sua capacidade para regular as suas emoções e os seus pensamentos, da facilidade para se relacionar com as outras pessoas, de construir uma autoestima positiva e de explorar o mundo com mais independência. Esse padrão de apego Bowlby e Mary Ainsworth denominaram de “Apego Seguro”. No entanto, dependendo da qualidade da relação afetiva estabelecida, é também possível a construção de uma relação de apego insegura, seja decorrente de um processo de superproteção (apego inseguro ambivalente), seja decorrente de um padrão de relação de indisponibilidade por parte dos cuidadores (apego inseguro resistente)

Mas não devemos pensar que, uma vez que a criança não teve todas as suas necessidades afetivas atendidas, ela terá, necessariamente, um problema emocional quando crescer. Isto não é uma regra e não deve-se estabelecer uma rela-

ção simplista de causa-consequência. Quando, por exemplo, ela não recebe o afeto de que necessita ou sofre situações de negligência ou de maus-tratos, e isto é “compensado”, de forma consistente, durante a sua infância, pela presença de figuras afetivas substitutivas que lhe oferecem o suporte de que precisa, ela terá maiores probabilidades de apresentar resiliência\* e de superar essas dificuldades. Isto acontece porque a infância é a fase em que o cérebro apresenta maior capacidade de mudar em resposta à experiência, efeito que as neurociências chamam de “plasticidade neuronal”. Porém, tratando-se da área emocional, alguns problemas podem ser irreversíveis, visto que se refere a uma função do cérebro de difícil plasticidade.

Vale ressaltar que o relacionamento afetivo dos pais com a criança é apenas a base para o seu desenvolvimento emocional. Este é um processo que começa no útero, tem a sua estrutura cerebral básica formada até os 3 anos, e a sua maior abertura à aquisição das aptidões relacionadas (habilidades de interação social) ocorre até os 7 anos de idade. Quanto mais positiva tiver sido a passagem por estas fases, mais eficiente será o sistema de transmissão das informações das sinapses, e mais harmonicamente a mente vai trabalhar. As interações socioafetivas de qualidade, estabelecidas durante esses períodos, auxiliarão na construção de uma mente mais coerente do ponto de vista emocional.

Ter uma mente emocionalmente saudável é: ter habilidade para reconhecer as próprias emoções; compreender as dos outros e saber lidar


com eles; ter comportamentos de dialogar, de cooperar e respeitar as regras da comunidade; relacionar-se afetivamente com as pessoas; ter sentimentos positivos de autoestima, de autoconfiança e de responsabilidade; ter perseverança e curiosidade; ser capaz de lidar com a frustração, ter tudo isto de maneira equilibrada para si e harmônica para as pessoas ao redor. Ter uma mente emocionalmente saudável também favorece um melhor desempenho das nossas funções cognitivas (como, por exemplo, a memória, a linguagem e a atenção), contribuindo para que atinjam os seus potenciais máximos.

Alguns exemplos de cuidados inadequados que interferem no bom desenvolvimento emocional da criança são:

- Pais com dificuldades para dar limites, que pode gerar na criança uma incapacidade para lidar com as frustrações (dificuldade para aceitar “não”, chorar quando não tem o que quer, etc.);
- Pais muito punitivos que podem criar na criança a insegurança e sentimentos de ansiedade e de culpa, desproporcionais às situações. Possivelmente isso pode levá-la a desenvolver uma “timidez patológica”, o comportamento de mentir ou a agressividade;
- Pais muito ansiosos que têm dificuldade em lidar com incertezas ou imprevistos, tendem a antecipar as necessidades da criança, e com isso criam estados de tensão que desorganizam a criança, comprometem o desenvolvimento de uma autonomia positiva e da regulação da ansiedade.

\* A resiliência é um conceito controverso, mas em geral pode ser entendido como a capacidade de lidar com os problemas e superar os obstáculos. O exercício desta habilidade depende da interação com o outro, ao fazer com que a criança entenda que nem sempre tudo acontece conforme ela espera ou deseja, e que, às vezes, é necessário esperar, outras vezes ceder ou recuar. Trata-se de uma habilidade que não é exclusiva da infância. Ao longo da vida, também podemos adquirir capacidade de resiliência, e ela está sempre presente, influenciando a nossa relação com as dificuldades das mais corriqueiras às mais complexas (por exemplo, como enfrentar uma doença grave).





## A entrada na instituição escolar e a formação de vínculo com os educadores

Em contrapartida, pais acolhedores e contínuos que conseguem equilibrar liberdade e limites de acordo com o que requer sua criança, tendem a promover situações de diálogo, bem-estar e satisfação. Isso vai sendo dosado a medida que a criança se desenvolve, pois nem sempre duas crianças em um mesma família precisam dos mesmos limites. Alterações comportamentais como, por exemplo, a agressividade, a birra, ou o egoísmo, são indícios de problemas no desenvolvimento emocional da criança e, provavelmente, tem raízes na qualidade das relações afetivas estabelecidas com seus pais e/ou cuidadores.

Estudos científicos comprovam que o período pré-natal (gestação) é fundamental para que a criança tenha um bom início de desenvolvimento. Mesmo dentro da barriga o bebê já ouve a voz dos pais e dos familiares, os sons do ambiente e sente os carinhos que lhe são feitos. Como vimos, o desenvolvimento emocional é tão importante quanto o cognitivo. Sabendo disto, sempre que necessário, o profissional da Educação Infantil poderá orientar, os pais dos seus alunos quanto à importância de proporcionar dentro de casa, um ambiente acolhedor e afetivo, com limites claros e coerentes, pois esta base será a sustentação do desenvolvimento das inúmeras habilidades da criança, dentro e fora da escola.

Até chegar à creche ou à escola do ensino infantil, a criança tem como figuras de referência os seus cuidadores principais (mãe, pai, avós, parentes, babá etc.), que são com quem ela construiu as suas primeiras relações afetivas. A partir do momento em que ela ingressa nessas instituições, seu referencial de segurança e de apoio do dia-a-dia se amplia, passando a ser formado também pelos cuidadores e pelos educadores.

Nesse momento, é possível que as crianças estranhem a mudança e demonstrem insegurança ou apatia, portanto é fundamental que haja um ritual de passagem do seu lar para o ambiente da creche ou pré-escola, favorecendo uma melhor adaptação. Para que isto ocorra da melhor maneira, é preciso haver um acolhimento por parte dos novos cuidadores, considerando algumas informações sobre a criança, como por exemplo, seus hábitos, ritmo e temperamento. Portanto, neste momento, se torna essencial a comunicação entre os profissionais e a família, visando melhores condições para o estabelecimento de vínculos de afeto e segurança dentro da instituição.

Outra sugestão importante, é que a criança possa levar para o novo ambiente algum objeto de apego (por exemplo, uma toalhinha ou um ursinho de estimação). Isto possivelmente lhe trará mais segurança nos momentos de insegurança, saudades, sono, ansiedade, etc, se constituindo como um objeto que favorece a

transição entre o seu lar (ambiente conhecido e acolhedor) e a creche ou pré-escola (ambiente ainda desconhecido). Sempre que possível, também é importante sugerir a presença das mães, dos pais ou de algum dos responsáveis, nos primeiros dias de adaptação, conduzindo aos poucos a transferência dos cuidados para as novas figuras de referência.

Nas creches, é importante que cada criança tenha uma mesma pessoa de referência du-

rante o tempo que passa no berçário, e uma segunda para os casos em que a primeira não esteja disponível. Também é interessante oferecer um ambiente no qual crianças em faixas etárias distintas (por exemplo, bebês com diferenças de alguns meses na primeira infância), possam interagir, pelo menos em alguns horários do dia, para evitar o estresse do cuidador. Neste caso, deve-se dar preferência a grupos pequenos, que costumam ser menos ameaçadores para a criança.

## As situações de risco para o desenvolvimento afetivo

Na primeira infância já é possível detectar alguns indícios de quando o desenvolvimento emocional da criança não está indo bem, ou corre o risco de estar prejudicado. Dentre eles, os mais comuns são:

- 1 *Criança com dificuldades para se alimentar, dormir e ser confortada; e/ou dificuldade para cumprir uma rotina;*
- 2 *Criança pré-escolar com desvios de comportamento como, por exemplo, crises de birra muito frequentes, ansiedade exagerada, principalmente pelo afastamento dos pais;*
- 3 *Pais que apresentam transtornos de saúde física ou mental, que fazem uso abusivo de drogas, vivem situações de luto, trauma ou tiveram infâncias muito difíceis;*
- 4 *Existência de conflitos parentais e familiares intensos, ou problemas de relacionamento e/ou rejeição dos pais para com a criança.*

Além disto, outros problemas, como a presença de uma doença crônica, o baixo desempenho escolar, a desnutrição e o temperamento difícil, devem ser considerados sinais de alerta para a existência de complicações no desenvolvimento emocional da criança. Diante de casos como estes, o professor/profissional da educação infantil, pode tornar os pais cientes dos sinais de alerta para os problemas emocionais que a criança está apresentando, sugerindo que dediquem uma maior atenção a ela, se possível buscando o auxílio dos especialistas em psicologia infantil ou familiar.



# Promovendo o desenvolvimento emocional



*De que maneiras os professores e os profissionais da educação infantil podem contribuir para um melhor desenvolvimento emocional da criança na primeira infância?*

Os professores/profissionais da educação infantil tem um papel importante e podem contribuir de várias formas para um melhor desenvolvimento emocional da criança. Uma primeira sugestão, é que, durante o dia-a-dia, ensine-a a detectar e a nomear suas emoções e/ou estados emocionais, às vezes expressas pelos seus comportamentos, ou em suas manifestações corporais.

Um primeiro passo para se aproximar disto, é fazê-la explorar os seus órgãos dos sentidos. Por exemplo, comece ao passar um objeto sobre a sua pele, incentivando a observar como o sente: "Veja como é liso" (ou áspero ou mole ou frio). Outro exemplo é colocar um som (estímulo auditivo) para escutar, ajudando-a a reconhecer se está alto, baixo, se é agudo ou grave; ensiná-la a dizer qual a temperatura local, se está quente, frio, ou ameno, e assim por diante.

Outro exemplo de estratégia mais direta é, ao se deparar com a manifestação de alguma emoção ou sentimento por parte da criança, analise o contexto em que isso acontece, para

ter certeza do que ela pode estar sentindo, e nomeie essa manifestação para ela e para os coleguinhas ao redor.

Por exemplo, se uma criança dá um grito, fica vermelha e joga no chão um brinquedo de montar porque não consegue encaixar as suas peças, a professora que testemunhou a cena, pode dizer: "Joãozinho, por que é que você ficou tão bravo (e/ou com raiva) agora e jogou brinquedo?"

É muito importante que a criança seja ensinada pelo meio social que a cerca (portanto, pelos seus pares, por crianças mais velhas e adultos), a detectar os sinais do seu corpo. A identificação destes nem sempre ocorre espontaneamente, e deve ser aprendida. Uma criança (e até um adulto!) que cresceu em um meio que não a estimulou a nomear emoções e sentimentos terá dificuldades em identificar o que ela própria está sentindo. Quanto menos palavras lhe forem ensinadas para nomear tais sensações, e quanto mais pobres forem as explicações dos seus significados, menor será o

seu grau de consciência do que está passando com ela mesma. Ela provavelmente será uma criança com um desenvolvimento emocional mais empobrecido e menos elaborado, quando comparada àquela a quem se ensinou a nomear um número maior de emoções, reações corporais e comportamentais associados a determinadas circunstâncias. Este ensinamento, ou "falta de", também se observa nas atitudes sutis do dia-a-dia, quando uma criança espeta o dedo em uma agulha e o pai lhe diz: "Não foi nada". Além do pai invalidar a dor da criança, ele não está contribuindo para o seu desenvolvimento emocional.

Existe também outra forma do professor estimular o desenvolvimento emocional da criança, que não apenas ensinando-a a fazer nomeações, mas sim, incentivando-a a estar sensível às suas necessidades.

Um estudo recente realizado nos Estados Unidos, que buscou analisar a relação entre o desempenho acadêmico das crianças na primeira infância e o apoio emocional oferecido

pelos seus professores, mostrou que quanto mais consistente (sem flutuações) é o apoio dado, melhores são os resultados das crianças na sala de aula e também fora desta.

A forma pela qual o professor interage com a criança, é fundamental para determinar como ela irá se desenvolver ao longo do tempo. Um aspecto importante desta interação é o apoio emocional. Portanto, é de grande importância que o profissional da educação infantil saiba acompanhar, atender, estar disponível, ser empático, ouvir, dialogar, aconselhar, estabelecer regras possíveis de serem cumpridas. Estas ações constituem a monitoria positiva, em que o educador demonstra real interesse pela criança. É importante que o educador não confunda o real interesse com a fiscalização, pois investigar, controlar, falar sem ouvir, impor regras e na sequência quebrá-las, reclamar, etc., geram uma supervisão estressante e, certamente, não contribuirão para o bom desenvolvimento infantil.

Como já citamos, a monitoria positiva está relacionada não só ao melhor desempenho



acadêmico da criança, mas também ao desenvolvimento das habilidades de interação social e a redução dos problemas de comportamento. Mas, para que isto seja possível, os centros de educação infantil também devem cuidar e dar atenção às formas de reduzir o estresse dos educadores. O estresse pode ser um aspecto de variabilidade na consistência do apoio emocional.

Ao contrário do que possa parecer, adicionar a responsabilidade do apoio emocional aos educadores não irá sobrecarregar o seu trabalho, mas sim facilitá-lo, pois oferecer um melhor suporte emocional à criança, resultará em uma melhora na relação estabelecida com ela, podendo também influenciar no seu processo de aprendizagem e no seu comportamento em sala de aula.

Uma criança que se sente acolhida e bem em um dado contexto, tende a se sentir menos ansiosa e a agir de forma mais adaptada, apresentando menos comportamentos agressivos e conflituosos. Tendemos a aceitar melhor um pedido de alguém que demonstra nos amar, do que de quem nos é indiferente ou aversivo.

A escola também deve ser um ambiente afetivo (complementar ao ambiente familiar), especialmente para a criança pequena. Não podemos lidar com a criança do mesmo modo que lidamos com um adulto, pois, nesta fase da primeira infância, ela está passando por um intenso processo de amadurecimento psicossocial e cognitivo, e como temos visto, estas relações afetuosas interferem significativamente (de maneira positiva e negativa) em como este cérebro vai se desenvolver. E a depender das relações que se estabelecem, podem desencadear em uma construção delicada, vulnerável a interferências e abalos.

Como já citamos em outros temas abordados, pesquisas recentes em Epigenética, confirmam a importância dos fatores ambientais,

que influenciam, inclusive, nossas expressões gênicas, sendo capaz de modificá-las. Por exemplo, caso uma criança passe por um evento muito traumático (como uma situação de violência ou um abuso psicológico muito intenso), isto pode vir a acelerar ou desencadear o aparecimento de doenças mentais e físicas. O contrário também é verdadeiro, de maneira que uma boa intervenção precoce, também é capaz de minimizar ou inibir o desenvolvimento destas mesmas condições.

Voltando ao assunto da educação infantil, sabe-se que a rejeição ou a exclusão de uma criança, pelos mais variados motivos, pode fazer com que ela deixe de absorver os valores da instituição e de se identificar com o seu ambiente, podendo vir a ter comportamentos de agressão e de depredação. É por este, e por outros motivos já citados, que o auxílio dos professores e dos profissionais da educação infantil é tão importante para o desenvolvimento emocional da criança.

Contudo, vale ressaltar, que o afeto e um bom vínculo não excluem a importância de estabelecer limites claros e consistentes para a criança. Pelo contrário, ajudar a criança a entender que não terá tudo o que deseja também se constitui como um ato de amor e de limite. Os limites também são parte necessária para o desenvolvimento emocional e comportamental da criança. É preciso receber um “não” e passar por situações de frustração para amadurecer. A criança não se sentirá pouco amada porque sofre restrições e eventuais punições (adequadas à sua faixa etária) que são consequência dos seus comportamentos inadequados. Ela se sentirá ansiosa, insegura e desamparada se os limites ou as punições forem inconsistentes (ora o comportamento é usado, ora não), ou se não forem associadas a uma resposta clara (por exemplo, quando o adulto não deixa claro o porquê de estar punindo). Este tema será mais aprofundado na próxima apostila.

## A cognição social

Você já ouviu falar em Cognição Social? Cada vez mais, a neurociência e as diferentes áreas da psicologia, como psicologia cognitiva, a do desenvolvimento e a evolucionista, têm se interessado em estudar a relação entre o cérebro, a emoção e os comportamentos na esfera social. Esta é uma área de grande importância, já que a vida social comporta diferentes tipos de interação, fazendo com que uma série de mecanismos distintos componham a Cognição Social Humana.





Para a Psicologia Evolucionista (que estuda a evolução do comportamento humano) o conceito de cognição social está muito relacionado ao desenvolvimento emocional. Isto implica que, uma vez que o desenvolvimento cognitivo, nas suas diferentes modalidades, se relaciona à capacidade de interação social do indivíduo, pode se denominar de cognição social o conjunto dos processos cognitivos que tornam possível o desenvolvimento social humano. Isto significa que, para estas abordagens, o desenvolvimento emocional faz parte deste conjunto de habilidades.

Os primeiros estudos sobre a cognição social datam do final dos anos 60 e início dos anos 70. Alguns autores postulam que cognição social se refere à forma pela qual o indivíduo percebe e compreende a si e às outras pessoas, relacionando-se à capacidade de fazer julgamentos morais. Outros estudos acrescentam que este conceito abarca a capacidade para interpretar, analisar, evocar e utilizar informações do meio social para compreender as situações implícitas e as inferências, portanto, as sutilezas do meio. *Nesta perspectiva, teríamos a capacidade de desenvolver uma percepção sobre nós mesmos, além de compreendermos o modo como pensamos sobre os outros, e também como concebemos o próprio pensamento diante dos outros.*

Assim, seria a nossa capacidade de percepção social que permitiria que nos colocássemos no lugar do outro, para conhecer e compreender como este se sente diante das diversas situações, mesmo quando isto difere da forma como pensamos e nos sentimos, possibilitando, portanto, o envolvimento com as outras pessoas (engajamento social), de maneira que tenhamos empatia por elas.

*A cognição social envolve uma série de componentes ou processos cognitivos que estão relacionados à atribuição, ao julgamento social e à autopercepção, facilitando, portanto, as nossas interações sociais.* Uma das suas facetas envolve a percepção, a decodificação e o reconhecimento das expressões faciais simples e complexas como, por exemplo, reconhecer que o outro está feliz, triste, com raiva ou, ainda, manifestando interesse ou surpresa diante de situações cotidianas. Um segundo componente está intimamente relacionado à linguagem não verbal, pois se relaciona à nossa capacidade de compreender situações de duplo sentido, como as piadas, a ironia ou, também, as inferências.

Um importante domínio da cognição social, que tem sido mais extensamente estudado, é a teoria da mente. Apesar de muito divulgado e estudado, este modelo teórico tem gerado imensas controvérsias, mas vamos discuti-lo como ele tem sido mais comumente postulado.

Para podermos inferir a respeito dos estados mentais dos outros, ou seja, atribuir um pensamento ou intenção a outra pessoa, precisamos desenvolver um repertório, portanto, um sistema de referências que viabilize as comparações entre o nosso mundo interno subjetivo e o mundo interno dos outros, ajudando-nos a discriminar aquilo que os outros pensam, sentem, desejam, acreditam e duvidam. Esta capacidade de atribuir ao outro um pensamento, crença ou desejo foi denominada Teoria da Mente. Assim, a teoria da mente diz respeito à capacidade para explicar e prever os comportamentos por meio de hipóteses (normalmente relacionadas a experiências prévias), sobre os pensamentos, os sentimentos e os padrões na interação social.

Assim, a inferência das crenças das outras pessoas (teoria da mente) é uma competência bastante complexa e, para o seu desenvolvimento, é necessário a aquisição prévia de outras competências, tais como a capacidade de entender e atribuir sentimentos a outras pessoas (empatia), a capacidade de representação simbólica e compreensão da linguagem figurativa, a diferenciação entre o mundo da imaginação e das ideias e o mundo real, a imitação, dentre outras.

O que é que isto significa? *Significa que o ser humano pode incrementar as relações e a comunicação, pois isto o habilita a entender alguns artifícios da expressão humana como a ironia, a dissimulação, o sofrimento, o interesse e a falsidade, tornando possível prever que ideias os outros estariam formando a nosso respeito.* Além disso, o universo de possibilidades e riqueza de relações se abre grandemente uma vez que a criança mais velha sai do egocentrismo e passa a entender que existem formas diferentes de pensar (além da dela mesma) e passa a se relacionar com as outras pessoas considerando o que elas podem estar pensando de outra maneira, portanto, não tem mais a si mesma, suas crenças, pensamentos e sentimentos como única referência.

Conforme mencionamos anteriormente, esta capacidade se desenvolve ao longo da nossa infância e adolescência, com um maior amadurecimento após a primeira infância. É justamente por isto que no começo da vida a criança pequena, eventualmente, faz comentários inadequados e precisa de um adulto para fazer sua leitura social, ou seja, a 'tradução' de algumas situações que ainda não consegue compreender. Desde cedo, temos que estimular essas competências, para favorecer uma melhor leitura social do meio.

Também é importante mencionar que a falta de maturidade, ou certos déficits nos mecanismos responsáveis pelo processamento dessas informações sociais, acabam por gerar dificuldade nessa leitura social. Assim, por não compreenderem as sutilezas das relações, esses indivíduos podem apresentar um padrão de comportamento inadequado e, eventualmente, se isolar, reagir com menos flexibilidade na hora de resolver imprevistos e situações de impasse.

Isto pode aparecer de uma maneira sutil em algumas crianças, gerando leves dificuldades na interação social. No entanto, em outras circunstâncias, pode ter um grave impacto na socialização da criança, sendo um importante sinal de alerta de que ela precisa ser atendida por um especialista. Por exemplo, um dos transtornos do desenvolvimento em que a cognição social aparece como um dos aspectos mais comprometidos é nos Transtornos do Espectro Autista.

Na primeira infância, uma brincadeira de faz-de-conta, por exemplo, somente é possível quando a capacidade de teorizar a respeito da mente dos outros já se encontra desenvolvida. Na publicação de Leonardo Caixeta e Ricardo Nitrini, dois autores que estudam estes processos, eles citam que Piaget já trazia alguma noção do que hoje conhecemos como o desenvolvimento da Teoria da Mente: *"quando (a criança) adquiria competência na representação mental e conseguia, portanto, se destacar da realidade a que estava 'colada'"* até então para se tornar uma mente, forjando, portanto uma divisão entre subjetividade e objetividade, entre o que é verdade para minha mente e o que é verdade para a realidade", o que está relacionado à fase em que ela abandona o egocentrismo e considera a realidade.





## A disciplina e a agressividade

Uma questão que deve se fazer constante entre os educadores do ensino infantil é: “até que ponto a responsabilidade de promover disciplina no aluno deixa de ser da família e passa a ser da escola?”.

Hoje em dia, com a dinâmica da nossa sociedade, é cada vez mais frequente que os chefes da família (pais e/ou mães) trabalhem, depositando na escola a responsabilidade pela educação integral dos seus filhos. Diante de tal expectativa, a educação perpassa as habilidades acadêmicas, se ampliando às ‘extra acadêmicas’, geralmente ligadas às normas sociais e as questões de mau comportamento. O dilema surge, pois sabemos que para haver o melhor desenvolvimento destas habilidades, deve-se estabelecer uma boa comunicação entre a família e os professores/rede escolar,

o papel de disciplinar, dando uma formação ética e cidadã para a criança. Nesta segunda parte da apostila, falaremos sobre a disciplina, o comportamento agressivo e alguns problemas relacionados ao mau comportamento na primeira infância.

### O que é disciplina?

Segundo o teórico Botbol, a palavra disciplina relaciona-se com discípulo e significa ensinar, não estando associada ao castigo, como se costuma pensar. Tem relação com o favorecimento do aprendizado dos bons hábitos, a responsabilidade, a autonomia, o saber postergar a satis-



fação dos desejos, o controlar a agressividade, portanto, aos instrumentos que são muito úteis para uma boa convivência na sociedade.

A disciplina não tem como finalidade tirar a liberdade da criança, mas lhe dar autonomia e segurança dentro de cada fase do seu desenvolvimento, o que já deve começar a ser introduzido desde cedo na educação. A criança entre seu primeiro e segundo ano de idade ainda não tem total maturidade e autonomia para sempre saber ao certo o que quer, nem o que pode ou não fazer. Por isso, é fundamental que desde esse período o cuidador aja com equilíbrio e persistência, pondo em prática os limites, o respeito e as responsabilidades, aproveitando a fase da primeira infância para começar a moldar a sua personalidade.

Entre os 2 e os 3 anos de idade, com o desenvolvimento da linguagem, a criança começa a entender o sentido do que 'certo' e do 'errado' (ou do "não pode"). Ao começar a explorar com mais liberdade tudo e todos, quando não encontra resistência ou alguém que a ensine que é necessário ter respeito, que precisa saber esperar, segue no sentido de ocupar o espaço que está dominando, até se tornar inconveniente.

O adulto tem uma grande responsabilidade neste momento. O seu dever como cuidador é dar modelos, contendo o comportamento inadequado, impondo limites e contornos. Com isto, a criança já começa a desenvolver capacidades importantes como o senso dos limites, a noção de responsabilidade e a ter consciência de que a vida exige esforços dela.

Vivemos em sociedade, então há as regras que precisam ser seguidas para que exista uma convivência pacífica. Se a criança cresce com regras "frouxas", sem muitos limites nem disciplina, sem entender que para ser respeitado é importante também respeitar

os outros e as regras de convivência, ela vai se tornar um adolescente que não respeita as regras da escola e das demais instituições, e não respeita nem os professores, nem os pais ou demais autoridades, achando que poderá ter os seus desejos e necessidades satisfeitas na medida em que quiser.

Um grande desafio para muitos pais é entender que não é "crime" dizer NÃO para a criança, mas é sim um ensinamento saudável para a sua vida, um passo para a autonomia da criança. Mas é imprescindível que o NÃO seja acompanhado de uma explicação na hora em que está sendo dito, para que ela entenda o seu significado na situação. A disciplina deve ser colocada de modo que não exista "vencido" nem "vencedor", ela é apenas uma preparação para a vida e, vale lembrar, que a forma primordial de aprender da criança é pela imitação. Então, é fundamental darmos exemplo para que a mesma desenvolva valores coerentes e limites, agindo com respeito.

*"[Um nível adequado] de restrições não inibe a espontaneidade nem a criatividade. Todos os gênios da humanidade nas diferentes áreas da arte, da ciência (pensem em Michelângelo pintando o teto da Capela Sistina) eram extremamente dedicados no seu trabalho, o que não se consegue sem disciplina, [nem] esforço. Estas características não atrapalham, pelo contrário, viabilizam extraordinárias criatividades. Reconhecer que a vida é difícil e exige muito de uma pessoa, a fortalece emocionalmente e ela não se desespera, nem se incapacita diante das durezas da adversidade."*

Hélio Guilhardi

Vale ressaltar que é essencial dar limites e estabelecer regras breves para a criança, sendo estas, fáceis de entender e, obviamente, possíveis de serem cumpridas. Os limites precisam ser aplicados logo após o comportamento inadequado ter ocorrido, e isso deve ser feito da maneira mais branda possível. Também não se pode esquecer de elogiar a criança sempre que ela tiver comportamentos positivos. É fundamental ajudar a criança a lidar e suportar pequenas frustrações pois esse aprendizado será fundamental para um desenvolvimento emocional saudável ao longo da vida.

Na próxima apostila introduziremos algumas reflexões sobre como lidar com os limites e regras na relação com a criança, e a importância de valorizar aspectos positivos, visando não só diminuir os comportamentos inadequados como também aumentar a frequência dos adequados.

Quando não há disciplina adequada, uma das consequências pode ser o comportamento de birra e a agressividade.

## Entendendo os comportamentos difíceis na infância: a birra, o choro e a agressividade

O que são comportamentos difíceis? E por que, no geral, os adultos ficam apavorados e paralisados diante das cenas de birra e de agressividade? Segundo Içami Tiba, "a birra é uma ruptura no relacionamento: por meio dela o birrento impõe à outra pessoa uma condição: "Se você me atender, ótimo; caso

contrário vai sofrer muito." O adulto responsável pela criança no momento da birra geralmente deseja cavar um buraco para se esconder ou, ainda, sair correndo, pois muitas vezes não sabe o que fazer, se sente impotente e fica com muita vergonha diante da cena apresentada. Certamente é um momento que dificilmente passa despercebido, gerando grande mal-estar para os pais, os professores ou qualquer adulto que esteja envolvido na situação.

No entanto, estes comportamentos difíceis fazem parte da infância e, em algumas circunstâncias, são até importantes para o desenvolvimento da criança.

O choro, por exemplo, é a primeira forma de comunicação que a criança estabelece, e é a sua forma de chamar atenção e sinalizar algum desconforto. Existem diversos tipos de choro, por isso é importante saber diferenciá-los para ajudar a criança a se acalmar. O choro advindo da birra é aquele irritante, quase que um grito contínuo, em que parece até que a criança vai perder o fôlego. Como veremos a seguir, geralmente a cena de birra só se estende quando se reforça a atitude que a criança está tendo.

Estes comportamentos também podem ser desencadeados por falta de maturidade das competências emocionais, cognitivas, motoras e sociais.

O choro, a birra e a agressividade são desencadeados por insatisfações e incômodo, também, pela frustração que a criança sente por não ter seu desejo atendido. Quando os cuidadores conseguem sustentar a sua posição, por mais difícil que esta seja, estão estabelecendo limites e construindo uma base que a criança levará para a sua vida adulta. Ceder ao desejo dela não servirá para o seu aprendizado.





A A A A A H H H H H H H A A A A A A !!!



Assim como a agressividade, a birra é um comportamento comum que começa a surgir por volta dos 2 anos de idade, e que tende a diminuir aproximadamente aos 3-4 anos. Pode-se entender, também, que é uma maneira de comunicação da criança que ainda não consegue expressar verbalmente a sua insatisfação por não ter o seu desejo realizado. A birra normalmente vem acompanhada de uma explosão de choro, de gritos, e às vezes de agressão a si e aos outros, em que a criança se joga no chão, arremessa objetos, sendo um verdadeiro “show” de comportamentos inadequados que ocorrem ao mesmo tempo. Há também as reações físicas, por exemplo, em que a face pode ficar avermelhada, haver o excesso de transpiração e a aceleração de batimentos cardíacos e da respiração.

A criança com a idade inferior aos cinco anos está em pleno desenvolvimento, podendo, quando muito exigida, sentir-se estressada por não corresponder às expectativas. Diante destas situações, como ainda não dispõe de uma maturidade emocional, acaba explodindo e reage da maneira que consegue, por exemplo, chorando, esperneando ou gritando.

Na escola, a birra pode aparecer quando a criança está iniciando a sua vida escolar e se depara com situações desconhecidas como o distanciamento da mãe ou das pessoas familiares que cuidam dela. A birra também pode ocorrer quando ela, que não está acostumada a dividir seus pertences, precisa aprender a compartilhar; quando ouve “agora não pode ir ao parque”; quando está com sono e cansa-



da, e em inúmeras outras situações. Portanto, é preciso conhecê-la para saber como agir no momento da birra.

E a agressividade? Esta é um instinto natural em todo o ser humano, que geralmente se manifesta perante situações de ameaça. Está presente desde cedo, fazendo parte do crescimento e do desenvolvimento infantil. À medida que a criança vai crescendo e interagindo com o meio no qual está inserida, vai refinando o seu repertório e aprendendo como trabalhar a agressividade a seu favor. O comportamento agressivo, assim como a birra, é o meio de exteriorizar forças internas que, muitas vezes, estão relacionadas à sensação de ameaça (que pode, ou não ser real), ao medo, à insegurança e à insatisfação. É um comportamento que paralisa o ser humano e, a depender do contexto em que a criança se encontra, pode se tornar um problema.

De um modo geral, nem mesmo os adultos estão preparados para lidar com a agressividade apresentada pela criança. Nosso desafio é tentar compreender o que está ocasionando este comportamento, portanto, descobrir qual é a causa do modo agressivo de agir, que faz parte do seu desenvolvimento.

Na Enciclopédia da Criança descreve-se que o desenvolvimento da agressividade na infância está associado a uma multiplicidade de fatores, tais como práticas parentais inadequadas, muitos fatores de origem neurológica, fisiológica e genética, que são associados ao desenvolvimento da agressão, podem ser remetidos à primeira infância.

Temos então vários fatores, inclusive de ordem neurofisiológica, que podem interferir, gerando reações agressivas na

criança ao longo do seu desenvolvimento. Em função disso (e de tantos outros fatores já discutidos) é fundamental conhecer a história de cada criança, explorando o seu contexto único e particular.

Assim como a birra, o comportamento agressivo começa a ser mais explícito na criança a partir dos 2 até os 4 anos de idade, momento em que ela está desenvolvendo a linguagem oral e aumentando o seu repertório simbólico (mundo interno). Nesta fase, está aprendendo a explorar o seu ambiente, descobrindo que tem desejos próprios e que pode agir para conseguir o que quer. Neste momento é que entra o papel fundamental dos adultos que lidam com a criança, pois ela precisa aprender que pode usar da birra e agressividade, mas que há um limite para tal. Tem que aprender que não é se jogando no chão ou batendo no amigo ou nos pais, que vai conseguir o que deseja (por exemplo, um brinquedo). Ela precisa ouvir que estas atitudes não são corretas, pois o limite e direcionamento são essenciais para a formação da sua personalidade.

A família tem um papel central na educação e formação da personalidade da criança na primeira infância, porém aquela deve sempre ter como aliada principal a escola. É importante que ambas trabalhem em parceria, com trocas constantes de informações, para introduzir as regras e as orientações referentes ao comportamento adequado. Geralmente, quando a criança recebe orientações divergentes, acaba tendo maior abertura para ter comportamentos agressivos.

Segundo o psicólogo comportamental, Helio Guilhardi, alguns casos de agressividade na infância podem ser explicados da seguinte forma:

*“[A criança que é superprotegida, exposta] a um mundo irreal onde o acesso às coisas é fácil, imediato, quase sem restrições, [quando] mais velha vê o mundo como um provedor de prazeres, benefícios, privilégios e em relação ao qual ela não precisa nada oferecer. Quando algo lhe é negado, ou cobrado, ela agride e exige, sem avaliar quão descabida é sua reivindicação e desproporcional seu método de exigência. Não só o abandono, também o excesso de atenção prejudica”.*

Muitos especialistas alegam que os comportamentos difíceis devem ser trabalhados pela rede de apoio da criança, que envolve a escola, a família e, quando possível, a comunidade. A escola tem como papel envolver as famílias na mediação de comportamentos como a birra e a agressividade apresentada dentro do estabelecimento de ensino, uma vez que os comportamentos agressivos, que colocam os alunos em risco, são inadmissíveis. É importante que a escola dê exemplos, promova trocas e que diante de conflitos entre as crianças aja com tranquilidade e serenidade. Diante de uma cena de agressão entre as crianças, é pouco eficaz o profissional ou o cuidador gritar, fazer ameaças ou culpar um único participante, uma vez que esta atitude tende a agravar a situação. Quando o comportamento agressivo se torna muito recorrente, geralmente é um indicativo de que a criança está passando por algum desconforto e tentando

expressar algo. A agressividade é mais frequente na infância, pois, em muitas situações, a criança ainda não tem um repertório verbal e emocional elaborado para descrever como está se sentindo e o faz por meio de comportamentos agressivos que, nesses casos, podem ser pedidos de socorro.

Em função disto, ela reage com os mais variados comportamentos, como, por exemplo, se isolando, evitando contato mais próximo com os seus colegas, e/ou procurando uma forma de chamar a atenção devido a algum sentimento que a está incomodando. Diante das situações em que a criança pode estar se comportando agressivamente como forma de comunicar algo, o profissional poderá alertar os pais e recorrer às orientações descritas anteriormente no item “Situações de Risco para o Desenvolvimento Emocional”.

Para trabalhar essas situações durante a primeira infância, a escola pode se utilizar de técnicas lúdicas e atividades grupais, as quais promovem a canalização do impulso agressivo para atividades construtivas e motivadoras. Por exemplo, as atividades de encenação como os roleplays ou o teatro, nos quais as próprias crianças são os atores, podem estimulá-las a expressar como se sentem e a se colocarem no lugar do outro. Os fantoches e as brincadeiras de ‘faz de conta’ também permitem que elas extravasem, e nós adultos podemos mostrar outras formas delas reagirem diante de situações de conflito. Os filmes que exemplifiquem o tema, seguidos de diálogos direcionados para a reflexão, também são interessantes. Existe uma série de possibilidades, o importante é que as atividades tenham potencial de socialização, facilitando a integração entre as crianças, a troca de experiências e a cooperação.



## Dicas de como agir com a criança na hora da birra

- Se a situação permitir, deixe a criança onde ela está e diga que vai esperar que ela se acalme. Não lhe dê absolutamente nenhum tipo de atenção depois disto (e isso inclui falar qualquer coisa com ela e demonstrar sinal de pena/preocupação na sua expressão facial) e, se necessário, pegue um livro pra ler ou procure se distrair com outra coisa.
- As atitudes mais agressivas como beliscar, gritar ou puxar a orelha da criança, produzem reações emocionais e sofrimento ainda mais intenso, e desviam a atenção dela dos focos mais importantes que são observar o seu próprio comportamento inadequado e as consequências que este produziu.
- Se for necessário, retire-a do local, explicando-lhe que vai fazer isto para que ela possa se acalmar. Se for preciso, ajude-a a se conter, pegue-a no colo, mas sem esboçar nenhuma alteração na sua expressão facial.

- Após ela se acalmar, volte a dar-lhe atenção e a elogie por ela ter conseguido se restabelecer. Você pode, por exemplo, abraçá-la para lhe dar segurança e fortalecer o vínculo, dizendo algo como: "Que bom que você conseguiu se acalmar. Agora podemos conversar melhor e pensar em como resolver a situação".
- Tente lembrá-la que existem combinados na escola.
- Explique que o seu comportamento não foi adequado, o porquê disso e como ela deveria ter se comportado naquela situação.
- Elogie-a quando ela conseguir se controlar (não fazer birra). ISTO É MUITO IMPORTANTE, principalmente na criança que tem birras constantes, porque ao nos esquecermos de elogiá-la quando ela se controla, ela não consegue estabelecer essa relação causal.
- Caso ela tente reagir durante a birra, diga que vai esperar que ela se acalme (e mantenha a sua postura firme).

Como podemos ver a partir das sugestões acima, diante de situações de birra, devemos agir com afeto, cuidado e limites consistentes para ajudar a criança a rever e aprimorar seus comportamentos. Isto evita reações comportamentais ainda piores (fazendo com que o adulto entre numa espécie de confronto com a criança), sofrimentos desnecessários e a retirada do foco da atenção dela, daquilo que realmente impor-

ta naquele momento, que foi o seu comportamento inadequado e a consequência provocada por este. Fazer ameaças à criança, durante a birra ou após qualquer comportamento inadequado, é ineficaz e gera um relacionamento irritadiço com ela. Assim, a qualidade das relações estabelecidas com a criança na primeira infância será fundamental para o desenvolvimento emocional saudável do indivíduo ao longo de sua vida.



## Referências bibliográficas

ALMEIDA, R.S. **Afetividade e desenvolvimento**. Revista de Pediatria SOPERJ, Rio de Janeiro, n. 12. Disponível em: <[http://revistadepediatriasoperj.org.br/detalhe\\_artigo.asp?id=554](http://revistadepediatriasoperj.org.br/detalhe_artigo.asp?id=554)> Acesso em: 15 jul. 2014.

CAIXETA, L. & Nitrini, R. **Teoria da mente: uma revisão com enfoque na sua incorporação pela psicologia médica**. Psicol. Reflex. Crit., 2002, vol.15, no.1, p.105-112

ENCICLOPÉDIA DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA. **Agressividade: qual é sua importância?** Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/pt-pt/agressividade-na-infancia/qual-e-sua-importancia.html>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

FMCSV - FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **Como ajudar a criança a conquistar seu equilíbrio emocional**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento-infantil.blog.br/como-ajudar-a-crianca-a-conquistar-o-equilibrio-emocional/>> Acesso em: 15 jul. 2014.

FMCSV - FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **Fundamentos do desenvolvimento infantil: da gestação aos 3 anos**. São Paulo, 2011.

GUILHARDI, H.J. **Autoestima, autoconfiança e responsabilidade**. Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento, Campinas. Disponível em: <[http://www.itrcampinas.com.br/pdf/helio/Autoestima\\_conf\\_respons.pdf](http://www.itrcampinas.com.br/pdf/helio/Autoestima_conf_respons.pdf)> Acesso em: 15 jul. 2014.

GUILHARDI, H.J. **É preciso ser menos egoísta**. A Gazeta, Vitória. Disponível em: <[www.itrcampinas.com.br/pdf/helio/E\\_preciso\\_ser\\_menos\\_egoista.pdf](http://www.itrcampinas.com.br/pdf/helio/E_preciso_ser_menos_egoista.pdf)>. Acesso em: 23 jul. 2014.

GUILHARDI, H.J. **Punição não é castigo**. Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento, Campinas. Disponível em: <[http://www.itrcampinas.com.br/pdf/helio/Punicao\\_castigo2010.pdf](http://www.itrcampinas.com.br/pdf/helio/Punicao_castigo2010.pdf)>. Acesso: 23 de jul. 2014.

RADAR DA PRIMEIRA INFÂNCIA. **A importância do apoio emocional dentro da sala de aula**. Disponível em: <[http://www.radardaprimeirainfancia.org.br/consistencia-emocional-de-professores-e-criancas-na-pre-escola/?utm\\_source=Facebook&utm\\_medium=emocionalprofessores08072014&utm\\_campaign=Metas](http://www.radardaprimeirainfancia.org.br/consistencia-emocional-de-professores-e-criancas-na-pre-escola/?utm_source=Facebook&utm_medium=emocionalprofessores08072014&utm_campaign=Metas)> Acesso em: 16 jul. 2014.

RADAR DA PRIMEIRA INFÂNCIA. **Agressividade**. Disponível em: <<http://www.radardaprimeirainfancia.org.br/category/temas/comportamento/agressividade/>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

VASCONCELLOS, S. J. L et al. **A Psicologia Evolucionista e os domínios da cognição social**. Psic.: Teor. e Pesq., Set 2009, vol.25, no.3, p.434-439.

## Links Úteis

**Programa Amigos do Zippy - Associação pela Saúde Emocional de Crianças** (grupo que realiza programa de educação emocional para crianças nas escolas) - <http://www.amigos-do-zippy.org.br>

**Revista Eletrônica "Educar para crescer", sobre habilidades sócio-afetivas** - <http://educarparacrescer.abril.com.br/listas/nao-cognitivas-778538.shtml>

**Donato, F J. A. Afetividade: Perspectiva sob Olhar da Psicologia Cognitiva no Âmbito Escolar** - <http://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/afetividade-perspectiva-sob-olhar-da-psicologia-cognitiva-no-ambito-escolar#ixzz38xjGJYiN>



## Sobre nós

*Este material é resultado do projeto “Desenvolvimento de um Programa de Formação em Desenvolvimento Cognitivo para Profissionais da Educação Infantil: o modelo de Resposta à Intervenção”, iniciado em 2013, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV) e da Associação Fundo de Incentivo à Pesquisa, e desenvolvido na Universidade Federal de São Paulo, sob responsabilidade dos pesquisadores Prof. Dra. Mônica C. Miranda, Prof. Dr. Orlando F. A. Bueno e equipe.*

*Em 2015, a equipe do Instituto ABCD – sob coordenação de Carolina ToledoPiza (MSc.) – e do NINAPI (Núcleo de Investigação em Neuropsicologia, Afetividade, Aprendizagem e Primeira Infância, da Universidade Federal Rural de Pernambuco) – sob coordenação da Prof. Dra. Pompéia Villachan-Lyra e participação das pesquisadoras Ana Cleide Jucá (MSc.), Emmanuelle Chaves (Dra.) e Sílvia Maciel (Dra.), com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE) – integraram o projeto, visando aprimorar seu conteúdo e ampliar as perspectivas de atuação para outros Estados do país.*

*O projeto, agora denominado **Projeto Pela Primeira Infância**, é um conjunto de ações de pesquisa e de formação de profissionais da Educação Infantil. Ele foi criado tendo por base o fato, já apontado por diversas pesquisas, de que as principais demandas formativas dos profissionais da educação infantil se referem à sua necessidade de uma compreensão, mais adequada e abrangente, das teorias e das bases do desenvolvimento cognitivo, socioafetivo e comportamental da criança.*

*Além disso, também é consenso na comunidade científica, o reconhecimento da importância de uma intervenção adequada na primeira infância (inclusive no ambiente escolar) para um desenvolvimento infantil pleno e saudável.*

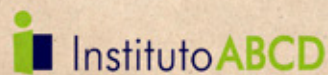
*Assim, faz parte do Projeto Pela Primeira Infância, um ciclo de debates teóricos intitulado: “Formação continuada em Desenvolvimento Infantil, com base nas neurociências, para profissionais da Educação Infantil” – constituído por 10 encontros, nos quais há a disponibilização de material apostilado. Após a participação em todo o ciclo de debates, são desenvolvidas discussões práticas para a implementação de estratégias de estimulação do desenvolvimento da criança na primeira infância.*

*Nós acreditamos que um programa desta natureza deve incluir material estruturado e formação continuada, com intenso diálogo com aqueles envolvidos com a criança (famílias, comunidades, profissionais da educação e da saúde).*





Apoio:



Realização:

